

junho de 2013





Cada um de nós precisa escolher

Wladimir Ungaretti

Em dias de manifestação de rua teremos noites de amor. Serio. Livres, leves e soltos. Noites em que não jogamos a responsabilidade pela nossa felicidade em outras pessoas. Por isso mesmo, o anarquismo é a idéia de que absolutamente ninguém está mais qualificado do que você mesmo para decidir o que você irá fazer de sua própria vida. Cada um de nós precisa escolher a vida a ser vivida com felicidade, em sucessivas ações de prazer, nas ruas e na cama. Ou teremos o tédio do espetáculo que imobiliza e nos joga nos necrotérios da vida, impotentes. Brochas. O sistema criminaliza a busca pela felicidade. Este é o principal crime.

Na década de 70, os "malucos" da Fação Exército Vermelho (grupo Baader Meinhof) diziam que atirar e "fuder" era a mesma coisa. Temos que nos perguntar como é possível que "responsabilidade", "ordem e progresso", "propriedade", "competição", "eficiência" e outras tantas bobagens possam substituir a deliciosa procura pela felicidade. Rua é poesia. Manifestações que vandalizam é poesia em dose dupla. O oposto ao senso de absoluta inutilidade e desesperança. Representam sensações reais. Excitação sexual. E nesses momentos que as ruas são ocupadas por seres que não fazem os mesmos movimentos e gestos. Não estão organizadas para o trabalho.

Singularidades em um movimento coletivo com o compartilhar de uma experiência comum. A experiência que indica que destruir é um supremo ato de criatividade. Destruir "nossa" cultura que não permite a marginalidade e que investe contra as pessoas que não estabeleçam plataformas consideradas sacras e dentro dos padrões estabelecidos. Os "punheteiros", inseguros defensores do sistema, ficam apavorados diante de corpos que dançam, aqueles que gritam. A repressão se incomoda apenas porque gritam aqueles que se mantinham calados. Foi nas ruas de Porto Alegre que aconteceram os gritos e a repressão. E à rua fomos. Pois, como nos disseram os bons professores, jornalismo se faz na rua e não sentado em frente ao telefone e às redes sociais. O que vimos lá nos era confuso. Mas teve a sensibilidade e a capacidade mais confuso ainda era o que víamos ser relatado por colegas de profissão, "formados", com tumultuada (não poderia ser de tantas aspás. Por vezes, parecia falta de informação. Por vezes, parecia pura sacanagem. Foi vendo outra forma) para se mobilizar e produzir um 3x4 e as poucas páginas, tentamos trazer à tona esse Junho de 2013 de forma que existísse enquanto um documento e, ao mesmo tempo, um registro à queima-roupa. Jovens escrevendo enquanto a História acontece. É certo que este foi o primeiro jornal possível. Esse foi um semestre atravessado pela História. Em alguns anos, estudiosos vão ler o que os jornalistas escreveram e relataram. Que estejam corretos os escritos. Que estejam sinceros os relatos.

Boa leitura!

Um semestre atravessado pela História

Esse foi um semestre singular. Quem não sabia o que era jornalismo, aprendeu a fazer. Quem sabia o que era jornalismo, aprendeu a duvidar. Um vulcão entrou em erupção no centro de Porto Alegre. Jorrava, espalhando pelos cantos, e o que nos restava era cobrir e correr. Não havia tempo para pensar se era bom. Não havia tempo para ver o que saía daquele vulcão. Ficarão marcados na História os acontecimentos desses primeiros meses de 2013. Em Porto Alegre, metrópole provincianada, onde os dias eram um caos e as noites eram um vazio, eclodiu um movimento que gritava. Inicialmente contra o aumento do preço da passagem. Depois, muitos gritos surgiram. Grunhidos. Nem todos faziam, sentido. Mas a repressão não ouve não entende e não se importa com o que gritam.

Depoimentos

A CENA DA GALERA EMBAIXO DA CHUVA NUNCA VAI SAIR DA MINHA CABEÇA. CORRIA ÁGUA NAQUELA RUA. ERA UMA CACHOEIRA LAVANDO NOSSOS PÉS. O ECO DO "QUEM NÃO PULA QUER AUMENTO" ENCHEU AS RUAS DO CENTRO, E EU FAZIA PARTE DAQUILO.

ACHO QUE FOI O TERCEIRO PROTESTO CONTRA O AUMENTO DAS PASSAGENS, AQUELE ABSURDO DE TRÊS REAIS E CINCO CENTAVOS. AQUELA REIVINDICAÇÃO QUE AGORA PARECE DISTANTE, E CONFUSA. POR ACASO DA VIDA ACABEI NÃO INDO NESSAS MANIFESTAÇÕES REPLETAS DE BANDEIRAS DO BRASIL E NARIZES DE PALHAÇO, E BOMBAS E CORRERIA E MEDO. A VERDADE É QUE EU FICO FELIZ POR NÃO TER IDO. AO MESMO TEMPO EM QUE QUERIA VER AQUELA INSANIDADE, NÃO QUERIA SENTIR AQUELE PAVOR.

FUI AOS PROTESTOS QUANDO ELAS AINDA FAZIAM SENTIDO, QUANDO AINDA ERA SÓ PELO AUMENTO DA PASSAGEM.

JÉSSICA OCAÑA

EU JÁ ESTAVA CANSADO. ENTREI NA UFRGS EM 2007, AINDA NÃO FAZIA JORNALISMO, ESTUDAVA HISTÓRIA. DESDE ENTÃO, PARTICIPEI DE MANIFESTAÇÕES, OCUPEI A REITORIA E PARTICIPEI DE VÁRIAS LUTAS CONTRA O AUMENTO DAS PASSAGENS. TODOS OS ANOS EU PARTICIPAVA, NUNCA CONSEGUÍAMOS. EU ACHEI QUE JÁ TINHA FEITO MUITO. EU ACHEI QUE NUNCA SAIRÍAMOS VITORIOSOS, EU ESTAVA ERRADO.

AS MANIFESTAÇÕES EM PORTO ALEGRE ESTAVAM GRANDES, EU NÃO TINHA VONTADE DE PARTICIPAR. ERA QUINTA-FEIRA, EU TINHA AULA. CHEGUEI NA FABICO E ENCONTREI UM CLIMA DIFERENTE. NO ESPAÇO ENTRE O DACOM E O CABAM A GURIZADA PINTAVA CARTAZES. TODO MUNDO FALANDO SOBRE A MANIFESTAÇÃO, A ÚLTIMA TINHA SIDO GIGANTE,

HOJE SERIA MAIOR. EU TINHA AULA. QUANDO ABRI MEU E-MAIL, VI QUE O PROFESSOR TINHA CANCELADO A AULA, PARA QUE TODOS PUDÉSSEMOS PARTICIPAR DO PROTESTO. OK, NÃO TENHO MAIS NADA PRA FAZER, VOU LÁ.

TAVA CHOVENDO DEMAIS. MAS, TÁ, DANE-SE, VOU LÁ. NO CAMINHO, UM AMIGO ME MANDOU UMA MENSAGEM PERGUNTANDO SE ERA VERDADE QUE O AUMENTO HAVIA SIDO REVOGADO. COMO ASSIM? ÓBVIO QUE NÃO, ELAS NUNCA REVOGAM O AUMENTO. TODOS OS ANOS A HISTÓRIA É IGUAL, NÓS SAÍMOS, PROTESTAMOS, APANHAMOS DA POLÍCIA, A IMPRENSA NOS CHAMA DE BADERNEIROS E A PASSAGEM AUMENTA. EU TINHA CERTEZA, NÃO ADIANTAVA LUTAR. EU ESTAVA ERRADO.

GIOVANI DE OLIVEIRA

CAMINHEI CONTENTE DURANTE O INÍCIO DO PROTESTO DE SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO. VI PESSOAS NAS JANELAS QUE EU NUNCA PENSEI QUE DARIAM BOLA PARA UM MOVIMENTO SOCIAL E QUE AGORA ESTAVAM APOIANDO OS MANIFESTANTES QUE ESTAVAM NA RUA. PENA, A FELICIDADE DUROU POUCO. PASSANDO PELO VIADUTO DA JOÃO PESSOA, QUASE EM FRENTE AO CAMPUS CENTRAL DA UFRGS, COMEÇOU A ME INCOMODAR O FATO DE QUE EU NÃO OUVIA AS PESSOAS FAZEREM O QUE DEVERIAM ESTAR FAZENDO: PROTESTAR. ELAS ESTAVAM QUIETAS. PARECIAM CHEIAS DE DÚVIDAS.

NESSE DIA EU ESTAVA LÁ PARA PROTESTAR PELA REDUÇÃO DA TARIFA DO ÔNIBUS E CONTRA A AÇÃO DA POLÍCIA FRENTE AOS MANIFESTANTES EM TODO PAÍS. NO SILÊNCIO, TENDEI PUXAR UM "BRIGADA, CORRUPTA! SEU LUGAR É AQUI NA LUTA!" (ME REFERINDO AO DESSERVIÇO QUE A POLÍCIA FAZ COM O POVO). UMA AMIGA QUE ESTAVA COMIGO AUMENTOU A POTÊNCIA DOS GRITOS, MAS NINGUÉM NOS ACOMPANHOU. PELO CONTRÁRIO, "MANIFESTANTES" COBERTOS PELO PATRIOTISMO NOS OLHARAM TORTO, COMO SE GRITAR "SEM PARTIDO!" FIZESSE MAIS SENTIDO DO QUE O GRITO QUE EU ESTAVA TENTANDO PUXAR. A COMPLACÊNCIA COM A AÇÃO POLICIAL SEGUIU SEMANA ADENTRO NA TELEVISÃO, NAS REDES SOCIAIS E NAS CONVERSAS DE RUA. E PARECE QUE COM O DESENROLAR DOS PROTESTOS A COISA TÁ FICANDO CADA VEZ PIOR.



Foto: Michel Cartez



UMA SEMANA DEPOIS FIQUEI SABENDO QUE UM AMIGO MEU HAVIA SIDO DETIDO NESSE MESMO PROTESTO DE SEGUNDA E SUBMETIDO A FORTE PRESSÃO PSICOLÓGICA POR PARTE DA BRIGADA MILITAR. O MOTIVO? NENHUM. O PEGARAM ENQUANTO ELE ESPERAVA A LOTAÇÃO NO CENTRO PRA VOLTAR PRA CASA.

JÁ TIVEMOS ALGUMAS VITÓRIAS DESDE O PRONUNCIAMENTO DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF, MAS TEM UMA QUE PRECISA SER ALCANÇADA URGENTEMENTE. É SÓ LEVANTAR DA MESA DE JANTAR PARA PERCEBER O PROBLEMA QUE SE CHAMA POLÍCIA MILITAR. OS PROTESTOS LEVANTARAM MAIS UMA PAUTA QUE NÃO PODE SER ESQUECIDA. EM PARTE É PELOS MANIFESTANTES QUE LEVAM TIRO DE BORRACHA QUE EU PROTESTO, MAS PRINCIPALMENTE POR AQUELES QUE SOFREM COM A POLÍCIA QUE ATIRA PRA MATAR TODOS OS DIAS NAS PERIFERIAS DO BRASIL.

CHEGA DE TANTO PERFUME. LUTEMOS PELOS QUE ARDEM.

PAULA SCHWAMBACH MOIZES

O IMPRESSIONANTE DA VIOLÊNCIA É QUE É POSSÍVEL SENTI-LA INERTE NO AR, COMO UM ZUMBIDO, POUCO ANTES DE TUDO FUGIR DO CONTROLE. HÁ UMA ESCALADA NA VOZ DAS PESSOAS, QUALQUER COISA QUE VAI CRESCENDO PROGRESSIVAMENTE, ATÉ QUE - PUF - A FAGULHA. É TUDO VIRA CAOS.

NAQUELA NOITE, ENTRE LIMA E SILVA, PERIMETRAL E JOSÉ DO PATROCÍNIO, NOTÍCIAS VINHAM DESORDENADAS, RELATANDO CONFLITOS ENTRE MASSA E TROPA DE CHOQUE EM OUTROS PONTOS DA CIDADE. UMA MULHER BERRAVA MATARAM DOIS COMPANHEIROS NOSSOS EM MINAS GERAIS. VAMOS PARA A BATALHA. UM CONTAINER QUEIMAVA. ATÉ QUE - PUF - A PRIMEIRA BOMBA DE GÁS LACRIMOGÊNICO VOOU PELOS ARES. PARTE DO GRUPO QUE ESTAVA PRÓXIMO AOS POLICIAIS FOI AO CONFRONTO; UM GRANDE NÚMERO DESORDENADO DE PESSOAS CORRIA; A MIM, RESTOU O PAPEL DE TENTAR FINGIR ALGUMA BRAVURA PARA ACOMPANHAR O QUE ACONTECERIA.

AS BALAS DE BORRACHA QUE COMEÇARAM A VOAR CONVENCERAM-ME A DESISTIR DA BRAVURA. MINHAS PERNAS LEVARAM-ME ATÉ A PONTE DE PEDRA E A ENTRAR NO CENTRO. NÃO FOI UMA BOA OPÇÃO. DIVERSOS PEQUENOS GRUPOS DESASSOCIADOS MISTURAVAM GENTE QUE NÃO SABIA O QUE FAZER COM OS QUE QUEBRAVAM O QUE ESTAVA À FRENTE. NA BORGES DE MEDEIROS, DOIS RAPAZES TENTAVAM ARROMBAR UMA PORTA DE FERRO. PARTE DAS PESSOAS VAIAVA A ATITUDE - ELES NÃO TINHAM ENTENDIDO A SITUAÇÃO; JÁ NÃO HAVIA MAIS PROTESTO, A NOITE MORRERA, A POLÍCIA DARIA A EXTREMA UNÇÃO E QUEM ESTIVESSE NA RUA ERA SUSPEITO.

O CHOQUE CHEGOU POR BAIXO; PARTE DA TURBA SE PREPAROU PARA O COMBATE. EU SUBI PELA ESCADARIA DA BORGES, DE OLHO NOS PRÓXIMOS PASSOS. LÁ EM CIMA, DUAS VIATURAS OBSERVAVAM. UM CARRO QUASE ATROPELOU UM CICLISTA E DEPOIS FUGIU, EM PÂNICO DA POSSÍVEL REAÇÃO DA MASSA. OUVI CASCOS. A CAVALARIA CHEGAVA POR TRÁS DA BORGES. AS PESSOAS ESTAVAM ENTRE ESCUDOS DO CHOQUE E MÚSCULOS DOS CAVALOS.

ATÉ QUE - PUF - A SEGUNDA BOMBA DE GÁS VOOU PELOS ARES. EU CORRI PELA PARTE ALTA DO CENTRO E NÃO OLHEI MAIS PARA TRÁS. ÀS MINHAS COSTAS, O CAOS ERA SENHOR.

CAETANO CREMONINI

PORTO ALEGRE JÁ HAVIA COMEÇADO A INCENDIAR, FALTAVA SABER QUAL SENTIDO O FOGO IRIA TOMAR ("O MOÇO, A PRÓXIMA À ESQUERDA, POR FAVOR"). BANDEIRAS DE "FORA DILMA" "ABAIXO O ABORTO" E "TODOS CONTRA A CORRUPÇÃO" ESTAVAM INVADINDO A MARCHA PELO PASSE LIVRE - BANDEIRAS MASCARADAS, ANÔNIMAS, DE PROPOSTAS CONSERVADORAS E/OU INSÍPIDAS, CUJOS OBJETIVOS ESTAVAM OSCUROS. UMA ENTREVISTA COM UM PROFESSOR DA HISTÓRIA DA UFRGS, DARIO - UM GRANDESSÍSSIMO HOMEM - HAVIA ME DEIXADO #PREOCUPADO.

É SESSENTA E QUATRO OUTRA VEZ MEU DEUS DO CÉU POR QUE NOS ABANDONASTE.

QUANDO CHEGUEI EM CASA NA SEXTA-FEIRA JÁ ERA NOITE. E ENTREI NO FASCISTBOOK PRA ME ATUALIZAR DA SITUAÇÃO. CADA VEZ MAIS PREOCUPANTE. SABE AQUELE VÍDEO DO CAETANO VELOSO DANDO ENTREVISTA NO PROGRAMA VOX POPULI, NOS ANOS 1970? ERA A ÚNICA RESPOSTA QUE ME VINHA NA CABEÇA PARA OS COMENTÁRIOS QUE EU LIA PELA REDE SOCIAL. PAI, PERDOA-LHÉS, ELES NÃO SABEM O QUE COMPARTILHAM. NO EVENTO "PORTO ALEGRE VAI PARAR", EM ESPECIAL, ERA ANGUSTIANTE. ULTRANACIONALIS-



Foto: Michel Cortez



5
TAS DISFARÇADOS DE REVOLUCIONÁRIOS COM SUAS MÁSCARAS V (CHORA ALAN MOORE) CONVENCIAM OS 42 MIL DESINFORMADOS QUE ESTAVAM CONFIRMADOS NO EVENTO, ANÔNIMOS INTEGRANTES DO ORGULHO 32 (CONSERVADORES A SERVIÇO DA PÁTRIA!!!) SE MISTURAVAM À CLASSE MÉDIA CONFUSA QUE ABRAÇAVA QUALQUER IDEOLOGIA QUE FOSSE. ENQUANTO ISSO, CAETANO VELOSO BRADAVA, SURPRESO, DECEPCIONADO, NO YOUTUBE!

NÃO... VOCÊ É BURRO, CARA, QUE LOUCURAI COMO VOCÊ É BURRO!

LENNON MACEDO

QUATRO HORAS DA TARDE. LOJAS, EMPRESAS E ÓRGÃOS PÚBLICOS DISPENSAM OS FUNCIONÁRIOS. TODOS VÃO PARA CASA COMO SE UM AVIÃO CHEIO DE BOMBAS ESTIVE PRESTES A ATINGIR A CIDADE. O TRÂNSITO DA HORA DO RUSH VEIO PARA O MEIO TARDE. BUZINAS, RECLAMAÇÕES ESTRESSADAS. PARECEM QUERER CHEGAR LOGO PARA SE ESCONDER. UMA MULHER PEGA O TELEFONE E PERGUNTA DESESPERADA SE AINDA TEM ÔNIBUS PASSANDO. OLHO A SITUAÇÃO ESTARRECIDA.

DE UM LADO, UMA PORTO ALEGRE AMEDRONTADA. DE OUTRO, UM POVO QUE DECIDIU IR PARA A RUA MOSTRAR INDIGNAÇÃO. UNS JÁ ATIVISTAS. OUTROS, NOVOS. COM CORAGEM PARA ENFRENTAR QUEM DEVERIA ESTAR GARANTINDO A SEGURANÇA. UMA MAIORIA QUE PAGOU JUNTO COM OS ERROS DE UMA MINORIA QUE DESVIOU DO OBJETIVO. NÃO ESTIVE EM NENHUM DOS ATOS, MAS SENTI RAIVA DE SABER QUE CONHECIDOS MEUS (E DESCONHECIDOS) TIVERAM QUE CHEIRAR GÁS LACRIMOGÊNICO E FUGIR DE BOMBAS DE EFEITO MORAL.

ISSO NA QUINTA-FEIRA. NA SEXTA, PÂNICO GERAL. GOLPE? O QUE VAI ACONTECER? QUAL O FOCO DE TUDO ISSO? QUEM PROTESTA? DIREITA, ESQUERDA? FUNCIONA? VALE A PENA? AINDA NÃO SEI RESPONDER. MAS TENHO UMA CERTEZA: PELO MENOS SE FEZ ALGUMA COISA. CHAMOU-SE ATENÇÃO PARA UMA TENTATIVA DE MUDANÇA. SE SERÁ BOA OU MÁ, SÓ O TEMPO DIRÁ.

KATHLYN MOREIRA

CHUVA, MUITA CHUVA. FABICO COM AS ATIVIDADES CANCELADAS ÀS 16H DE UMA QUINTA-FEIRA. LUZES APAGADAS, PRÉDIO SENDO ESVAZIADO. A AMEAÇA DE NÃO TER ÔNIBUS AUMENTAVA A PREOCUPAÇÃO. COMPRADOS LANCHES, ÁGUA E VINAGRE, SEGUIMOS EM DIREÇÃO AO CENTRO. O CLIMA ESTAVA MUITO TENSO. MAS O MEDO FOI PASSANDO À MEDIDA QUE VÍAMOS A MULTIDÃO NA RUA, GENTE E MAIS GENTE. UM MAR DE GENTE. BAITA ENERGIA. UMA SURPRESA BOA.

NO DESENNOLAR DA MANIFESTAÇÃO, A SURPRESA FOI OUTRA. O SILÊNCIO. CADA UM COM O SEU CARTAZ, COM A SUA REIVINDICAÇÃO E NINGUÉM SABENDO O QUE GRITAR. UMA MANIFESTAÇÃO SILENCIOSA. ALGUNS GRITAVAM "SEM BANDEIRA" E CANTAVAM O HINO NACIONAL. DO NADA BATEU UM VAZIO. VAZIO DE IDÉIAS, DE NORTE, DE DISCUSSÃO. VAZIO DE PROTESTO. E UMA RUA CHEIA DE GENTE. É ESSE BANDO DE GENTE, SEGUINDO NUM BRETE. INDO, EM SILÊNCIO. SABENDO QUE IA LEVAR BOMBA. SABENDO QUE SE FUGISSE PELAS RUAS LATERAIS IA APANHAR.

O VAZIO FICOU MAIOR. FUI EMBORA. TALVEZ EU DEVESSE TER FICADO MAIS PRA VER O QUE ACONTECERIA, MAS SAÍ. SAÍ PENSANDO COMO PREENCHER TUDO ISSO. MAIS DO QUE APENAS ENCHER AS RUAS.

JADE KNORRE

PENSEI, PENSEI E PENSEI, MAS NÃO TEM COMO EXPLICAR. SENTI MEDO, RAIVA, INDIGNAÇÃO. MEDO, BOMBA, GÁS LACRIMOGÊNICO, GRITO, EU GRITO, TODO MUNDO GRITA, NÃO QUERIA ACREDITAR, NÃO TEM COMO ACREDITAR. TROPAS DE CHOQUE PROTEGENDO UMA PROPRIEDADE PRIVADA. A POLÍCIA NÃO TAVA ESPALHADA PELO CAMINHO TODO, NÃO TAVA, ERA SÓ NA FRENTE DO PRÉDIO QUE VOCÊS SABEM, NÃO TINHA COMO PASSAR. BOMBA, BOMBA, GÁS LACRIMOGÊNICO. NÃO DÁ PRA RESPIRAR, A GARGANTA TÁ PEGANDO FOGO, OS OLHOS TÃO ARDENDO, TEM VINAGRE? EXPLOSAO, HELICÓPTERO ILUMINANDO O CAMINHO PRA POLÍCIA. ERA UMA CAÇA AOS MANIFESTANTES. REPRESSÃO, ESTILHAÇO DE BOMBA NA PERNA, DOR, RAIVA, CANSAÇO, "CHAMA A POLÍCIA", NÃO DÁ. É ELA QUE TÁ ATACANDO, NÃO DÁ PRA PERDOAR, NÃO DÁ PRA ESQUECER, O HEMATOMA NA PERNA AMANHÃ CERTAMENTE VAI ME FAZER LEMBRAR O MOTIVO DISSO TUDO. NÃO DÁ PRA DESISTIR.

RODRIGO LORENZI

EU QUERIA UM RECURSO GRÁFICO MENOS BREGA QUE RETICÊNCIAS PRA DESCREVER O SILÊNCIO MAIS DESCONFORTÁVEL DA MINHA VIDA. NA SEMANA PASSADA ME JUNTEI ÀS PESSOAS QUE ACORDARAM EM UMA CAMINHADA DA ALEATORIEDADE. 20 DE JUNHO, 20H: NINGUÉM GRITA E EU NÃO SEI MAIS POR QUE TÔ ALI. APROVEITO O SHUFFLE IDEOLÓGICO E DECIDO TRANSFORMAR MEU GUARDA-CHUVA-DE-ARCO-ÍRIS EM BANDEIRA IMPROVISADA. BALANÇO-O DE UM LADO PARA O OUTRO NA ESPERANÇA DE QUE ALGUM REA-CESPECTADOR ENTENDA O RECADO DO ALTO DE SEU PRÉDIO. MAL SABENDO QUE MUITOS JÁ ESTAVAM ALI EMBAIXO, ANDANDO JUNTO COMIGO. QUANDO DECIDEM ABRIR A BOCA, ENCHEM OS PULMÕES PARA CANTAR O HINO DO RIO GRANDE DO SUL E GRITAR POR UM BRASIL SEM PARTIDO. ESSE PROTESTO FOI SEQUESTRADO. NÃO CONSIGO GRITAR JUNTO.

NICOLAS SALES



6
EM TODO INÍCIO DE ANO, PORTO ALEGRE SABIA: A PASSAGEM VAI AUMENTAR!

ACOMPANHO O MOVIMENTO ESTUDANTIL HÁ ALGUNS ANOS E A GENTE COMEMORAVA CADA PESSOA NOVA QUE SE JUNTAVA NA RUA PRA PROTESTAR. A RECOMENDAÇÃO ERA PRA CONVERSAR, COM OS TEUS COLEGAS, TUA FAMÍLIA, AMIGOS. SOMAR.

2013 JÁ COMEÇOU DIFERENTE, COM MAIS E MAIS PROTESTOS, MAIS GENTE NA RUA, MAIS INFORMAÇÃO. FINALMENTE, A PASSAGEM DIMINUIU! O COBRADOR COLOU UM PAPELZINHO ESCRITO 2,85 EM CIMA DOS 3,05. HISTÓRICO.

MAS ESSE ERA SÓ O COMEÇO: SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, PROTESTOS NO BRASIL TODO! MEU DEUS, MAIS DE DEZ MIL PESSOAS NAS RUAS. QUARENTA MIL, CINQUENTA MIL, CEM MIL. A PASSAGEM BAIXANDO EM OUTROS LUGARES. NOVAS PAUTAS SURGINDO, TODO MUNDO FALANDO DE POLÍTICA.

PERAÍ, NUNCA É TÃO "FÁCIL" ASSIM. COMEÇOU, ENTÃO, UMA TENDÊNCIA: CHORAR NA RUA NÃO DE FELICIDADE, MAS PORQUE O GÁS ARDE E OBRIGA.

NO DIA 17 DE JUNHO, ME SOMEI A UM MANIFESTO LINDO NO CENTRO, EM APOIO AO RESTO DO BRASIL. UM MAR DE GENTE EM PORTO ALEGRE E EU SAINDO ANTES DO TEMPO, POR UMA DAQUELES RAZÕES CONTRADITÓRIAS DA VIDA - TIPO UMA PROVA SOBRE POLÍTICA NO HORÁRIO DO ATO (QUANDO A GENTE VAI APRENDER QUE POLÍTICA SE FAZ, TAMBÉM, NA RUA?). ENFIM, NÃO LEVEI GÁS NA CARA PORQUE ESTAVA SOB A PROTEÇÃO DA UNIVERSIDADE (MAS O BARULHO DOS HELICÓPTEROS, DELES, A GENTE NÃO ESCAPOU!). SAÍ DA REDOMA E VOLTEI PRA REALIDADE: PUTZ, O CONGRESSO NACIONAL FOI OCUPADO! A IMAGEM MAIS LINDA DE TODA ESSA REVOLTA ERA A SOMBRA DOS MANIFESTANTES NO PLANALTO. DE ARREPIAR. TOMARA QUE ISSO TUDO NÃO SEJA SÓ UMA SOMBRA, NO FINAL.

NO DIA 20, ME SOMEI DE NOVO. A SENSAÇÃO JÁ FOI OUTRA. A UNIVERSIDADE SEM LUZ: TODO MUNDO TINHA QUE IR EMBORA. O CAOS DO TRÂNSITO DAS SEIS HORAS ADIANTADO PARA AS QUATRO DA TARDE. TODOS OS LUGARES SENDO EVACUADOS E UM MEDO INSTAURADO NA CIDADE. O MEDO DE QUEM SE MANIFESTA. O CAOS SERIA NAS RUAS, COM A POLÍCIA.

A CHUVA FOI PRO ATO COM A GENTE E O VINAGRE TAVA NA MOCHILA - SERÁ QUE ADIANTA? VI PESSOAS ESTRANHAS, GRITANDO COISAS ESTRANHAS. "SEM PARTIDO! FORA DILMA!". DE VEZ EM QUANDO, O HINO DO RIO GRANDE DO SUL - QUE, VAMOS COMBINAR, É UM FILHOTINHO FASCISTA. MAS, NA TEIMOSIA, CONTINUEI NO ATO. FOMOS DESVIADOS DO CAMINHO COMBINADO (A GRANDE QUESTÃO: POR QUÊ?). A IDEIA ERA SEGUIR ATÉ O PALÁCIO PIRATINI, MAS SEGUIMOS EM FRENTE, RUMO AO ÓBVIO. O GÁS ARDEU E O VINAGRE ADIANTA, SIM.

O MOVIMENTO CARECE DE REFLEXÃO E QUESTIONAMENTOS. POR QUE E POR QUEM A GENTE SAI PRA RUA? NÃO SABEMOS MUITO BEM PRA ONDE ISSO TUDO VAI, MAS A NOSSA CERTEZA JÁ É OUTRA: A PASSAGEM NÃO VAI AUMENTAR!

SABE AQUELE SENTIMENTO DE QUE OS TEUS ATOS, UMA HORA, VALEM A PENA?

JÉSSICA KILPP



Foto: Michel Cortez

POLÍCIA. MUITA POLÍCIA. NUNCA VI TANTA POLÍCIA. SEGURANÇA, DE QUEM? QUEM CONTROLA A POLÍCIA? DIREITO DE IR E VIR. ILUSÃO DE LIBERDADE. ÓDIO. "SEM VIOLENCIA!" 20 CENTAVOS. AUMENTO DA TARIFA. REDUÇÃO DA TARIFA. ÔNIBUS LOTADO, ÔNIBUS VAZIO. NÃO TEM ÔNIBUS. OS QUE QUEREM QUE MUDE CONTRA OS QUE NÃO QUEREM QUE MUDE. QUEM QUER QUE MUDE? QUEM NÃO QUER QUE MUDE? EU QUERO QUE MUDE. MUTAÇÃO. EVOLUÇÃO. JUVENTUDE; ESPERANÇA. SONHOS. PESSIMISMO EM BAIXA. "VANDALISMO", "MINORIA", "MARGINAL". MUITOS SIGNIFICADOS. POLÍTICO. "O HOMEM É UM ANIMAL POLÍTICO". O HOMEM É UM ANIMAL CORRUPTO. POLÍTICO. ANIMAL CORRUPTO. DIREITO DE IMPRENSA É DIREITO



DE EMPRESA. SEMPRE FOI. DONOS DO PODER. HELICÓPTEROS. POVO. "D POVO NÃO É BOBO". COMUNICAÇÃO. #VEMPRARUA. FACEBOOK. YOUTUBE. ATROCIDADES. ABUSO. MOMENTO HISTÓRICO. ANONYMOUS. CÉREBRO GLOBAL. TECNOLOGIA. #OGIGANTEACORDOU. VAI CANSAR? VAI CONTINUAR ACORDADO? VAI DEITAR DE NOVO? NACIONALISMO. HINO. PÁTRIA. 1968. MARCHA DOS 100 MIL. "QUANDO É QUE VÃO CORTAR AQUELA FAIXA DA BANDEIRA?" SELEÇÃO BRASILEIRA. FIFA. ESTÁDIOS. INDIGNAÇÃO. MOVIMENTO. CONGRESSO NACIONAL. PASSE LIVRE. ROYALTIES. SAÚDE. EDUCAÇÃO. PEC37. REFORMA POLÍTICA. AGORA DÁ??!! ESTADO DE DIREITO. ESTADO DE DIREITA. ESQUERDA. DIREITA. MARCHE! BOMBAS. BALAS DE BORRACHA. MAIS COVARDIA. MUITA COVARDIA. QUEM CONTROLA A POLÍCIA?! PODER. PARTIDOS. PARTIDOS POLÍTICOS. POLÍTICOS PARTIDOS. CORAÇÕES PARTIDOS. CORAÇÕES. GERAÇÕES. JOVENS. ADMIRAÇÃO. ALTRUIZMO. IDEALISMO. IDEAL. CORAGEM. FUTURO?

RAFAEL KLEIN LINDEMANN

TÁ ALI, TÁ ALI.
ONDE?

ALI NA FRENTE, Ó.

SERÁ QUE É AQUILO?

IH, MAS ACHO QUE É MESMO. A CHUVINHA EMBAÇA MEUS ÓCULOS E EU TENTO TIRAR O CAPUZ DA FRENTE DOS OLHOS PRA ENTENDER SE É O INÍCIO OU O FIM DO BOLO. NÃO ENTENDO.

ESTAMOS NA BORGES COM A. SALGADO, SÃO UMAS OITO DA NOITE DE SEGUNDA, 24 DE JUNHO, PRIMEIRO PROTESTO DEPOIS DO MASSACRE FASCÍFICO DA ÚLTIMA QUINTA. DILMINHA JÁ SE

PRONUNCIOU DUAS VEZES E PROMETEU UM MONTE DE COISAS, FORTUNA JÁ DISSE QUE A PASSAGEM VAI PRA 2,80. E CÁ ESTAMOS NÓS, DE GRAVADOR NO BOLSO _ LIGADO EM CASO DE ATRAQUE _ E VINAGRE NA MOCHILA. JOURNALISTICAMENTE, PRA VER QUAL É.

E É UMA GALERA PRONTA PRA GUERRA, MÁSCARAS SUPER FODA, CARA TAPADA E SANGUE NO OLHO. QUASE NENHUM CARTAZ. ANARCOS REUNIDOS EM UM CANTO. UNS OU OUTROS QUE CHEGARAM UMAS DUAS SEMANAS ATRASADOS, DE CARTAZINHO INOCENTE E JÁ PERDENDO A CARA DE BOBO ENQUANTO SENTEM O CLIMA PESAR NO CENTRO. TÁ NA CARA, A CLASSE MÉDIA JÁ DEBANDOU DESSA ONDA.

O MAIS BIZARRO É O SILÊNCIO. NÃO, O MAIS BIZARRO SÃO AS RUAS LATERAIS FECHADAS PELO CHOQUE, GRADEZINHA, ARMA E BOMBA. O MAIS BIZARRO É QUE EU NÃO TÔ NEM UM POUCO EMOCIONADA DE ESTAR AQUI.

BUMMM

ISSO FOI AQUI OU FOI LÁ?

ACHO QUE ALGUÉM SOLTOU UM ROJÃO DE DENTRO DO PROTESTO.

CARA, ISSO AQUI TÁ UM BRETE, VAMOS VAZAR.



Foto: Michel Cortez

LAURA SCHUCH



ESSAS MANIFESTAÇÕES SE APRESENTARAM ORIGINALMENTE A MIM COMO UM EXERCÍCIO DE JORNALISMO. FOI IMPORTANTE OLHAR EM VOLTA E PERCEBER TODO TIPO DE JORNALISTA NA RUA, DESDE OS QUE FICAVAM SATISFEITOS EM FICAR SEGUROS ATRÁS DA LINHA FORMADA PELO BATALHÃO DE CHOQUE ATÉ QUEM TEVE QUE SAIR CORRENDO DA POLÍCIA. FOI BOM PARA EU PERCEBER QUE ESSA BARREIRA POLICIAL É UMA LINHA IMAGINÁRIA QUE EU RARAMENTE DEVO CRUZAR SE QUISER PUBLICAR ALGO JORNALÍSTICO.

MAS AINDA MAIS IMPORTANTE PARA MIM FOI PERCEBER A GRANDE DIFERENÇA DESSAS MANIFESTAÇÕES PARA OUTRAS QUE ACOMPANHEI. ALGO MUITO ALÉM DA INSOSSA "FESTA DA DEMOCRACIA", CONCLAMADA, ORDEIRA, QUE INCONSCIENTEMENTE TORCE PARA SER POUCO CONTUNDENTE - PORQUE MANIFESTAÇÃO CONTUNDENTE DÓI FEITO BALA DE BOBRACHA. O QUE REALMENTE IMPORTOU PARA MIM FOI PERCEBER QUE O PERFIL DO DITO/MITO "VÂNDALO MASCARADO" MUDOU.

APÓS UM DOS TANTOS CONTÊINERES DERRUBADOS AO LONGO DA MARCHA, E APÓS UMA REAÇÃO DESPROPORCIONAL DOS MANIFESTANTES PACIFISTAS QUE EXIGIAM O FIM DAS DEPREDações, UM MOLEQUE TIRA O MOLETOM QUE LHE CONFERIA ANONIMATO, E COM OS OLHOS LACRIMEJADOS BERRA:

- VOGÊS NÃO SABEM O QUÊ QUE É VIOLÊNCIA DE VERDADE! VAI PRA FAVELA PRA SABER QUÊ QUE É SOFRER VIOLÊNCIA. ESSA PORRA AÍ (A DERRUBADA DOS CONTÊINERES DE LIXO) É PROTESTO, A VIOLÊNCIA É O QUE VOGÊS VÃO SENTIR COM ELES! (APONTANDO PARA OS BRIGADIANOS QUE DESPONTAVAM NA ESQUINA DA LOUREIRO DA SILVA COM O JOSÉ DO PATROCÍNIO).

EM RESPEITO AO CARA, MANTIVE ABAIXADA A MINHA CÂMERA FOTOGRÁFICA, PENSANDO E REPENSANDO A LEGITIMIDADE DA AÇÃO DAQUELES QUE MUITOS CHAMAM DE VÂNDALOS.

MICHEL CORTEZ

PROCURO - COMO TODOS - ENTENDER MELHOR O QUE ESTÁ ACONTECENDO NESTE PAÍS. MUITOS "VÃO ÀS RUAS", ATÉ AÍ JÁ DEU PRA SACAR, SÓ NÃO SEI AO CERTO PRA QUÊ. QUAIS SÃO OS MOTIVOS? QUAL É O FOCO? O QUÊ ISSO PODE CAUSAR? NA TENTATIVA DE ENCONTRAR ESSAS RESPOSTAS, ABRI O ESPAÇO AQUI PARA EXPOR O QUE PENSAM BRASILEIROS QUE ESTÃO FORA DO PAÍS, QUE ACOMPANHAM PELA INTERNET E SABEM TANTO QUANTO EU (QUE ESTOU VIVENDO ISTO) E, ASSIM COMO EU, TAMBÉM QUEREM MANIFESTAR.

SEGUE O DEPOIMENTO DE STÉFANO MARIOTTO QUE ESTEVE NO URUGUAI E NA ARGENTINA COM SEU COMPANHEIRO DE VIAGEM HUDSON NOGUEIRA, ENQUANTO O BRASIL PROTESTAVA. AMBOS SÃO ESTUDANTES DE JORNALISMO DA FABICO.

- ESTÁVAMOS FINALMENTE QUASE CHEGANDO DE VIAGEM. ENTRÁRAMOS NO URUGUAI NO DIA 17 DE JUNHO, DIA EM QUE ESTOUROU O PIPOCO NO RIO DE JANEIRO, COM CEM MIL CABEÇAS NAS RUAS. LEMBRO QUE EU E HUDSON ESTÁVAMOS SENTADOS NUM BANCO DE PRAÇA EM COLÔNIA DO SACRAMENTO PELA NOITE, NUM FRIO DO CÃO, TENTANDO ACESSAR A INTERNET SEM FIO DE UM HOTEL, E CONSEGUIMOS VER AS NOTÍCIAS:

- CACETE, CEM MIL, VELHO! CEM MIL! - DIZÍAMOS AMBOS, FASCINADOS.

BEM, A MUVUCA TODA DOS PROTESTOS TINHA COMEÇADO ANTES DAQUELA DATA DE 17 DE JUNHO. HAVÍAMOS PASSADO OS DIAS ANTERIORES EM BUENOS AIRES, HOSPEDADOS NA CASA DE UMA AMIGA ARGENTINA QUE CONHECÊRAMOS NA BOLÍVIA, E, CONVENIENTEMENTE, ELA ERA ESTUDANTE DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. ASSIM, CONVERSAMOS COM ELA SOBRE ISSO. DA ESTUDANTE, ME RECORDO APENAS DE DIZER PARA MIM QUE "NÃO VOLTA PRA LÁ FAZENDO REVOLUÇÃO! DAÍ VÃO SEGUIR PENSANDO QUE AS PESSOAS VÊM PARA ARGENTINA E VIRAM REVOLUCIONÁRIOS DEPOIS!". AFORA ISSO, LEMBRO QUE ELA DIZIA QUE O POVO BRASILEIRO ERA MAIS NACIONALISTA QUE O ARGENTINO, ENQUANTO OLHÁVAMOS AS NOTÍCIAS SOBRE OS PROTESTOS NO BRASIL PELA INTERNET. DISCORDAMOS INTERIORMENTE, MAS NÃO QUISEMOS DISCUTIR MUITO COM UMA PORTENHA...

JÁ NO URUGUAI, FORAM POUQUÍSSIMOS DIAS, APENAS PEGANDO CARONA. LEMBRO QUE CONVERSAMOS COM OS MOTORISTAS QUE NOS LEVARAM (FORAM QUATRO), COM O ARTISTA DE RUA DE COLÔNIA DO SACRAMENTO, COM UM VELHINHO NA RODOVIÁRIA EM MONTEVIDÉU. TODOS ESTAVAM PERPLEXOS: PARA ELES, O BRASIL ERA UM OÁSIS PERTO DE SEUS PAÍSES. PARECE QUE, SE A IMPRENSA BRASILEIRA É DIREITISTA, A SUL-AMERICANA EM GERAL COMPRA O PEIXE QUE VENDE A DILMINHA. ASSIM, TODOS ELES PERGUNTARAM PARA NÓS "O QUE TÁ ACONTECENDO NO BRASIL?"

A GENTE NÃO TINHA MUITO O QUE DIZER. NÃO TÍNHAMOS INFORMAÇÕES SUFICIENTES. ASSIM, ACABOU QUE, AO MENOS EU, RESPONDIA COM UMA PITADA BEM FORTE DE IRONIA QUE SOMENTE EU E HUDSON PODERÍAMOS ENTENDER. ALGO, NAQUELE PORTUNHOL IMPRATICÁVEL, MAIS OU MENOS ASSIM:

" É MEU AMIGO, NO BRASIL É ASSIM... SE TENTAM NOS ENGANAR LÁ EM CIMA, NÃO TEM CHORO: VAMO TUDO PRA RUA!"



Acompanhando a história

Giovani de Oliveira e Lennon Macedo

O primeiro ano de luta contra o aumento das passagens em Porto Alegre foi 2004, reflexo das manifestações que aconteceram em Salvador no fim de 2003. No entanto, o movimento de Porto Alegre só ganhou força em 2005, início da gestão de José Fogaça na prefeitura. Naquele ano, o aumento das tarifas ocorreu em março, após o encerramento do Fórum Social Mundial; normalmente o aumento ocorria em fevereiro. Com os estudantes em aula, a organização para os protestos foi facilitada. As marchas chegaram a 1,5 mil pessoas e foram fortemente reprimidas. Nos anos seguintes, cada novo aumento enfrentava manifestações, mas sempre pequenas, marcadas pela participação de militantes de coletivos estudantis ou de partidos de esquerda.

Durante anos, as diferentes manifestações que ocorreram em Porto Alegre foram semelhantes às lutas contra o aumento das passagens: com pouca adesão, compostas somente pelo movimento estudantil universitário e por alguns grêmios secundaristas. Talvez os momentos de maior mobilização dessas entidades tenham sido durante o mandato de Yeda Crusius no Piratini. Para enfrentar os descontentes, a ex-governadora lançava mão da Brigada Militar. Poucas eram marchas que não terminaram em confrontos e prisões, e a criminalização dos movimentos sociais foi uma marca do período.

Ainda que os coletivos tradicionais não se mostrassem capazes de construir lutas com grande participação popular, houve, na gestão do prefeito José Fortunati, um importante movimento de retomada de ruas. Contrastando com a ampla votação que reelegeu o pedetista, diversos movimentos por outro modelo de cidade foram crescendo e somando suas pautas aos movimentos sociais tradicionais.

Entre esses movimentos estava o dos ciclistas, cuja maior referência é a Massa Crítica. Em fevereiro de 2011, o passeio ciclístico que começava a conquistar espaço ganhou notoriedade de forma indesejada. O funcionário público Ricardo Neis, em uma manifestação, atropelou dezessete ciclistas que estavam a sua frente e fugiu com seu automóvel sem prestar socorro. A violência acabou chamando a atenção para a causa da bicicleta em Porto Alegre, o que resultou em um crescimento dos movimentos do tipo na cidade.

Até que em Outubro de 2012 a violência contra os movimentos sociais tomou novas proporções. No dia 3, no Auditório Araújo Vianna, o show do músico Tom Zé transcorreu em meio a palavras de ordem contra a privatização dos espaços públicos que vinha ocorrendo na cidade – dentre os quais estava o próprio Araújo. Ali ficou o convite para o que seria o Ato em Defesa Pública da Alegria, no dia seguinte, em frente à Prefeitura. Na saída do show, um grupo se negou a se retirar do entorno do prédio, ainda dentro do cercamento que marca o perímetro do auditório. Após confusão com os seguranças, jovens arran-

caram o balão inflável da Coca-Cola que estava ao lado do auditório e incendiaram-no em meio a Oswaldo Aranha, com gritos de "FORA COCA-COLA" e "UH UH UH AMANHÃ É O TATU".

No dia 4, a Defesa Pública da Alegria teve início em frente à Prefeitura. Música, teatro e festividades deram espaço a um campo de guerra. Após horas de manifestação, os manifestantes se dirigiram ao gigantesco boneco de plástico que até hoje é lembrado. O tatu-bola, mascote da Copa do Mundo, vestindo uma camiseta da Coca-Cola, estava protegido pela brigada militar quando um grupo começou a dançar em volta do totem. A tensão entre brigadianos e manifestantes foi aumentando, o boneco foi desligado e a batalha campal começou. Homens, mulheres, jornalistas, manifestantes – todos foram alvo de repressão.

Nos dias que sucederam o evento, Porto Alegre virou um palco de discussões. Em um primeiro momento, ao invés de discutir a dura reação da Brigada Militar, o que as grandes empresas de comunicação veiculavam era a violência dos jovens que "vandalizaram" o mascote da copa, vio-



Foto: Jade Knorre



lência esta a ser repudiada por todos os – assim definidos pelo prefeito Fortunati – Cidadãos de Bem.

Mas o momento não caiu no esquecimento. O ato se transformou no Coletivo Defesa Pública da Alegria, que, pelos meses seguintes, participaria de diversas ações de ocupação do espaço público na cidade. A noite de violência ao redor da Prefeitura foi também um marco para uma geração de jovens contrários ao modelo urbano que está sendo conduzido sob a égide da Copa do Mundo.

2013, 21 de Março. O Conselho Municipal de Transporte Urbano (COMTU) aprova, com 17 votos contra 1, o reajuste da passagem de ônibus, de R\$2,85 para R\$3,06 – mais tarde arredondado para R\$3,05 pelo prefeito em exercício Sebastião Melo. O aumento proposto pela EPTC entraria em vigor na próxima segunda-feira (25).

Vários atos aconteceram a partir daí. No dia 25, trancaram a Av. Ipiranga em frente à PUCRS por cerca de quatro horas. No dia 27, um grupo tenta invadir a prefeitura, gerando conflito com a Brigada Militar. No 1º de Abril, acontece o maior ato contra o aumento até então: 5 mil pessoas, segundo a Brigada, marcharam pelo centro da Capital. A pressão popular teve resultado: na noite chuvosa de 4 de Abril, as cerca de 4 mil (segundo a Brigada) a 10 mil (segundo os manifestantes) pessoas que saíram as ruas para mais um protesto foram surpreendidas com a informação – o reajuste havia sido revogado (temporariamente) por uma liminar da Justiça. O que era um protesto se transformou em festa nas ruas de Porto Alegre.

Em Maio, o foco muda de lugar. A Prefeitura de São Paulo oficializa, no dia 25, a nova tarifa de ônibus na cidade: R\$ 3,20.

3 de Junho: o Movimento Passe Livre faz a primeira manifestação contra o reajuste da passagem. No dia 6, nova manifestação, desta vez mais violenta. Os protestos seguem pelos dias seguintes com conflitos entre manifestantes e a polícia, até chegar no dia 13 de junho. Comércio fechado desde a tarde, a cidade de São Paulo estava se preparando para o que viria a seguir. Os editoriais da Folha e do Estadão acordam



Foto: Michel Cortez

com palavras pró-repressão: “retomar a Paulista”, “máximo de rigor por parte da PM”, “a hora do basta” e afins. Cerca de 5 mil pessoas (segundo a PM) invadiram as ruas tomadas por balas de borracha e bombas de efeito moral. 150 são detidos, mais de duzentos saem machucados, entre eles a repórter da Folha de São Paulo, Giuliana Vallone – atingida por um tiro de borracha no rosto.

Com a forte resposta repressiva que atingiu inclusive seus repórteres, os grandes grupos de comunicação começam a noticiar a indignação popular. Desde programas de bem-estar ensinando a preparar-se para o protesto até colunistas de direita introduzindo novas pautas para as manifestações.

A partir de então ocorre uma massificação do movimento, que traz uma diversificação de pautas – até velhas pautas da direita –, transformando as manifestações de passe livre em grandes e amorfas massas. No dia 17 de Junho, mais de 250 mil pessoas saíram às ruas em todo o país. Manifestantes sobem no Congresso Nacional em Brasília. No dia seguinte, o grupo Anonymus Brasil posta no Youtube um vídeo promovendo 5 causas morais para os manifestantes: arquivamento da PEC-37, a saída de Renan Calheiros da presidência do Congresso Nacional, investigação e punição de irregularidades nas obras para a Copa do Mundo, criação de uma Lei que torne corrupção crime hediondo e o fim do foro privilegiado.

20 de Junho: cerca de 1,25 milhão de pessoas nas ruas. Comércio fechado desde

as 16h em várias cidades pelo país. A Rede Globo suspende transmissão da grade e passa a cobrir os protestos. Um grupo de manifestantes tenta invadir e incendiar o Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores. Militantes de partidos políticos são expulsos das manifestações, assim como integrantes do Movimento dos Sem Terra e da Central Única dos Trabalhadores.

Na noite seguinte, a presidenta Dilma Rousseff faz um pronunciamento a respeito dos protestos. Entre outras iniciativas, a presidenta propôs a elaboração do Plano Nacional de Mobilidade Urbana. Nos dias seguintes, Dilma se reuniu com o Movimento Passe Livre e propôs um plebiscito para que o eleitorado vote sobre a convocação de um processo constituinte de reforma política.

Voltando a Porto Alegre, no dia 27 de Junho o governador Tarso Genro anuncia o passe livre estudantil para transporte intermunicipal, valendo a partir do dia 1º de Agosto. Mas o passe livre municipal encontrou outra barreira: em votação no dia 1º de Julho, a Câmara Municipal rejeitou todas as propostas de transparência no transporte público, aceitando apenas a redução do imposto para as concessionárias. Com isso, começou no dia 10 a ocupação da Câmara Municipal pelo Bloco de Luta pelo Transporte Público e por militantes de coletivos estudantis e de partidos de esquerda. Até o dia 14, quando esta matéria foi escrita, os manifestantes ainda não haviam se retirado de lá.



Os libertários

Jade Knorre e Paula Moizes

Os protestos que movimentaram, ou melhor, pararam Porto Alegre no mês de junho foram marcados pela violência. Foram balas de borracha e gás lacrimogêneo contra paus, pedras e o que os militantes encontrassem pela rua. As vítimas, de um lado eram pessoas, e do outro eram agências bancárias, contêineres e ônibus. Por volta das 16 horas do dia 20 de junho, pouco tempo antes da manifestação, cerca de 15 policiais civis arrombaram a porta do Ateneu Libertário A Batalha da Várzea, na Cidade Baixa, e apreenderam tintas, sprays, livros e propaganda de conteúdo anarquista, além das fichas de cadastro para a retirada dos livros, com nome, telefone e endereço dos locadores. É o que foi narrado pela militante da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), Lorena Castillo.

A FAG e sua sede foram alvo da ação policial. Lorena afirmou que a apreensão se deu sem um mandado judicial e que inicialmente as autoridades se identificaram como Polícia Federal. Para a representante da Federação, o ato é injustificável. Os militantes denunciam a "investida de cunho político-ideológico, contrário a nossa ideologia, tentando achar um bode expiatório na nossa organização", como aponta Lorena. Segundo ela, a proprietária do local - patrimônio histórico da cidade - já en-

Foto: Jade Knorre

trou com denúncias no Ministério Público e na Defensoria Pública, até agora sem respostas.

A FAG não tem uma entidade jurídica formal, é uma associação livre, formada por militantes, o que é permitido pela constituição. Lorena explica que a FAG se define dentro das concepções libertárias do especificismo e do federalismo. O primeiro diz respeito à definição de uma organização propriamente anarquista, mesmo que seus militantes estejam organizados em outros movimentos sociais. Além disso, a FAG também se estabelece dentro do federalismo libertário, que divide os militantes em grupos operacionais não hierárquicos, quando há necessidade.

Para o militante Daniel Jacobs, "os verdadeiros responsáveis por essas ondas de violência e depredações não podem ser outros senão os governos: municipais, estaduais e federal". A violência contra o direito de um transporte público de qualidade e a depredação contra o corpo humano são os verdadeiros atos de vandalismo. Em resposta a isso, militantes atearam fogo em contêineres, não acreditando que o movimento pacífico acolhido pela mídia possa fazer algum efeito.

"As pessoas não tinham controle. Daqui a pouco subiu aquela horda destruindo e virando tudo, era uma coisa que pulsava, (...) como se estourasse uma caixa d'água, e descesse aquela água dilacerando tudo." Comenta um militante da FAG, descrevendo o momento em que manifestantes agiram contra o Palácio da Justiça no dia 27 de junho, evidenciando a força das manifestações.

Afunilando as ideologias que seguem os ativistas da FAG, estão aqueles que acreditam na concepção anárquica da ação direta. O militante anarquista e professor com quem conversamos defende que mais do que bancos quebrados, foram atacados símbolos. "Quebrar uma vitrine, pichar, não é um ataque às pessoas. Eles estão descarregando toda uma angústia, uma raiva sobre o que aquilo representa, e a sociedade tem que perceber isso", completa o militante.

Para o ativista, o protesto ordeiro não habilita os manifestantes a chocar a cidade. É preciso mostrar que as coisas estão erradas de outra forma. É preciso que a manifestação, assim como uma gripe no corpo humano, cause sintomas, interrompendo o curso natural das coisas. O protesto ordeiro não habilita o choque de realidade à sociedade. Violência é a agressão que se sofre em um ônibus diariamente, é a depredação das escolas públicas, ou morrer à espera de um atendimento pelo SUS. "Por que a violência quando parte de um determinado sujeito é aceitável?", questiona o militante.

Segundo ele, o protesto pacífico é um discurso de senso comum implantado pela grande mídia, que se aproveitou do momento para desqualificar as manifestações e construir uma divisão entre "pessoas que devem ser respeitadas" e "badermeiros".

Segundo o militante da FAG, o que aconteceu nas ruas não tinha controle dos anarquistas, de partidos da esquerda ou de qualquer associação. Foi um evento que transcendeu o mais otimista dos analistas políticos, em relação a um levante popular. Foi uma depredação, destruição, quebra, foi uma explosão de raiva contida há muitos anos e que representava a angústia que estava há muito tempo com as pessoas. "Alguns daqueles que eu vi (tocando pedra) são pessoas que moram de baixo de marquise", comenta o ativista. Eram pessoas que pela primeira vez estavam tendo voz e queriam agir.

A ideia agora é aproveitar a oportunidade de voz que essa mobilização trouxe ao povo e fortalecer as conversas que se ouve em todos os cantos da cidade. "Temos que fortalecer a partir de agora, porque não tem como agüentar todo o tempo no ataque", comenta o militante da FAG. Fazer marcha toda a semana enfraquece o movimento. É preciso parar e buscar ações concretas, que ainda não foram apresentadas, nem mesmo assinadas pelos Governantes. É preciso exigir que sejam atendidas as reivindicações da população.



Crônica de uma sexta-feira medrosa

A geração de apartamento é apresentada à História

Caetano Braun Cremonini

Quinta-feira, 20 de junho de 2013

O que impressionava naquela marcha era o silêncio. Sepulcral para as pelo menos dez mil pessoas nas ruas de Porto Alegre. Volta e meia, um grupo tentava puxar um canto contra a Copa do Mundo, sem grande sucesso. Até o já tradicional "quem não pula quer aumento" não se alastrava. Uma multidão heterogênea caminhava, uns com nariz de palhaço, outros com bandeiras do Brasil, outros mais com máscaras de Guy Fawkes. Um pequeno grupo de meninas de jaleco portava cartazes contra a vinda de médicos cubanos para o país. Em suma, um balaio de gatos. O povo só rugiu de verdade na Av. Salgado Filho, quando a militância de pequenos partidos de esquerda resolveu desfraldar suas bandeiras: as ruas berraram "Sem partido! Sem partido!" E em silêncio fomos, até as bombas de gás da Ipiranga expulsarem os revolucionários de nariz de palhaço e a coisa degringolar de vez.

Após uma longa caminhada, cheguei em casa apreensivo. O clima das marchas era cada vez mais estranho, e me parecia que, cada vez mais, os cartazes "Abaixo a Rede Globo" faziam, justamente, o jogo da tal Rede Globo.

Na TVCOM, ecoava a depredação do BARRISUL. Manifestantes com bandeiras de partidos de esquerda haviam sido agredidos em São Paulo. E, em Brasília, uma tentativa de invasão e incêndio

no Palácio do Itamaraty. No Itamaraty! Pronto, pensei, é o golpe. Mais uma vez, somos burros o suficiente para criar o caos que assenta os interesses mais reacionários do Brasil. Terminei a noite num grau de histeria que expulsava o sono.

Sexta-feira, 21 de junho de 2013

Durante a manhã, uma aula de debate intenso sobre o, tínhamos certeza, golpe iminente. Ao fim da aula, em quatro colegas resolvemos: buscaríamos respostas que nos fornecessem um olhar mais experiente, embasado e apurado. A primeira parada seria o Campus do Vale, onde procuraríamos alguns professores que tivessem o que nos dizer.

O professor Luiz Dario Ribeiro é, além de lenda viva da História da UFRGS, pesquisador do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais dessa mesma Universidade. Sem hora marcada ou agendamento prévio, aparecemos em sua sala, com a humilde proposta de uma entrevista. Era um dia frio e chuvoso do lado de fora, o ambiente do lado de dentro era aquecido pelo ar-condicionado. Dario nos recebe sem dar muita atenção; está ocupado em catalogar textos de países do Oriente Médio em seu computador. Sobre sua mesa há uma grande pilha de papéis, uma revista intitulada "Crítica Marxista", um livro acerca da Primavera Árabe e sete cachimbos. Apresentamos nosso dilema e o profes-

sor, gentilmente, aceita nos dar a entrevista. Ele nos olha com pouco interesse, por detrás de óculos grossos e de uma longa barba branca. A primeira pergunta é a mais genérica possível: professor, o que está acontecendo?

O que está acontecendo, professor Luiz Dario Ribeiro?

"Bom, em primeiro lugar o que ta acontecendo é que, desde 2008, há uma crise mundial do capitalismo, uma crise econômica, que tem o seu pólo no núcleo do sistema: Estados Unidos, Europa ocidental e Japão". O interessante do professor Dario é que ele segue raciocínios muito longos, que, por vezes, parecem ter saído do prumo da pergunta, até que, subitamente, ele mostra que éramos nós que não víamos onde estava o prumo. Faço aqui a aventura de tentar traduzi-lo em poucos parágrafos. A crise citada é consequência de mais de vinte anos de mercados completamente desregulados, pois, desde 1991, tornou-se generalizada a exigência de adequar-se ao chamado Consenso de Washington – série de medidas de desestatização, privatizações e precarização das relações de trabalho. Isso ocasionou uma importante injustiça social, que, por sua vez, gerou uma situação explosiva. O primeiro boom veio na Primavera Árabe. Para o professor Dario, os movimentos que se seguiram querem, mais do que acabar com a crise, instaurar um novo modelo



História em tempo real

Nem eu nem minha geração tínhamos vivido o fluxo quase incessante de idas e vindas, vitórias e derrotas, temores e entusiasmos, que estão envolvidos na História em tempo real. Há um mar de incertezas no horizonte. O Brasil saiu de um estado de letargia para um momento de ódio, medo, esperança e luta, que muda constantemente, de maneira muito veloz. É natural que todos – e principalmente nós, representantes de uma geração criada à base de desenhos animados e dislexia na Internet – nos sintamos confusos, desorientados, quem sabe medrosos. Eu, que sempre me considerei um cara de esquerda, achei maravilhoso ver e participar de tudo isso. Mas há a vida real – imensurável e inapreensível – que escapa pelos caminhos mais inesperados e surpreende a todos. A realidade nos afasta da revolução hollywoodiana para nos apresentar ao duro e imprevisível processo de luta. A hoje jovem geração amadureceu mais em semanas do que em anos de inércia.

Não sei se o professor Dario ainda mantém as posições que ele nos apresentou. Talvez o rumo dos acontecimentos também tenha mudado-as, como mudou as minhas (hoje, acho engraçada a ideia de um golpe de Estado clássico). É natural da historiografia que o processo só possa ser corretamente interpretado após seu fim. Isso não impede que ela traga uma contribuição importante para compreender o agora. A verdade não está toda lá, mas ela não está toda em lugar nenhum. O que há são pedaços, fragmentos ao vento, que podem nos ajudar a ver o furacão chamado realidade.

Não sei se venceremos, perderemos, ou permaneceremos na mesma. Mas, sei que temos a chance de cumprir “a nossa tarefa, humana e política”.

incapaz de fazer oposição no âmbito institucional?.

‘Ao mesmo tempo, lte inquietava a forte violência que passava a tomar conta das manifestações, criando um clima antidemocrático – “eles destroem a pequena banca de revistas de um cara que, dependendo do movimento, a família dele só poderá comer arroz e feijão”. A formação do caos serve, nesse quadro, a um movimento autoritário que vise a tomada do poder. Trocando em miúdos, a um golpe.

Propostas para esquerda, de uma sexta chuvosa

No panorama apresentado, perguntamos ao professor Dario quais seriam as medidas a serem tomadas pelas esquerdas nacionais. Ele suspira, perde um pouco o tom professoral (me chama de “cara”) e segue: “em toda a minha vida, eu aprendi algumas coisas. Uma das coisas que aprendi é que aquilo que nos une é mais forte do que aquilo que nos separa. O pequeno fio de linha que nos une, é mais forte do que o canhão Bulldozer que nos separa”. O que nós une é o fio de esperança. Por isso, esse é o momento de deixar de lado as grandes diferenças que separam as diferentes correntes de esquerda e aglutinarmos-nos em torno do pequeno fio de esperança, para que o movimento de ruas traduza-se em políticas progressistas.

O tom professoral ainda volta, e Dario nos explica ainda quais as leituras que faltam à esquerda contemporânea: Erich Fromm (O Medo à Liberdade), “a percepção existencialista de Sartre”, a Psicologia de Massas do Fascismo de Wilhelm Reich – leituras que, segundo ele, nos abrem a cabeça e dão um pouco de esperança na possibilidade de transformar o mundo. “Se não conseguirmos nada, muito bem; cumprimos nossa tarefa humana e política”.

de democracia e relações econômicas – o que, reflexão minha, indica que a crise não é somente econômica, mas também política, uma vez que as instituições políticas não são capazes de responder à crise de maneira adequada.

O que surpreende no Brasil é que o cenário econômico não chegou à situação que se abateu nos países árabes e na Europa. Indícios de que o modelo petista dos últimos dez anos tenha chegado ao limite? É a explicação de alguns pensadores, entre eles o filósofo Vladimir Safatle, que tem defendido essa tese em artigos na Folha de São Paulo. O fato é que há, também no Brasil, uma importante agitação social, expressa nos movimentos de rua que ocorreram nos últimos anos – greve de bombeiros, policiais, metalúrgicos, passeatas pelo casamento homoafetivo, pela liberação da maconha, contra a privatização dos espaços públicos – e que culminou em junho de 2013.

O professor Dario nos explica que, para ele, o grande problema é o Facebook – “o Facebook é, para mim, um instrumento fascista”. Isso porque ele possibilita as mobilizações anônimas, convocadas por “ninguém sabe quem, ninguém sabe qual o objetivo, e os manifestantes vão para essas manifestações muito individualizados, desvinculados”. Assim, uma direita que se organize em torno desse instrumento tem condições de ditar as palavras de ordem das manifestações e impor a violência sobre determinados grupos. Uma manifestação desvinculada pode ser unificada pela palavra de ordem de derrubada do governo.

Enquanto escrevo, não sei se o professor Dario não estava sendo levado, também ele, pelo clima de caos criado no país, rendendo-se a uma teoria conspiratória. Mas, no forte calor do ar condicionado, suas palavras assustavam-nos. E se aquele movimento de rua tornasse-se um instrumento para uma direita



Atualizando a discussão

Entrevista Marcos Rolim



Caetano Braun Cremonini

Dentre as pautas que desabrocharam para o debate com os protestos de junho está a ação policial. As balas de borracha que rasgaram as noites de manifestações atingiram os filhos da classe média, sob o olhar excitado e onipresente de câmeras portáteis e redes sociais. O tema voltou aos jornais.

Marcos Rolim é um militante histórico pelos direitos humanos. Foi vereador em Santa Maria, deputado estadual e federal pelo Partido dos Trabalhadores – agremiação a qual se desfilou em 2009. Especialista em segurança pública, é consultor da UNESCO, UNICEF e BID sobre o tema. Para atualizar a discussão sobre o papel da polícia na sociedade brasileira, Rolim nos ajudou a organizar ideias

e deu posições bastante claras sobre o que, para ele, é um dos grandes problemas do país.

A atuação policial nos protestos de junho

“Olha, se a gente tivesse uma mirada mais ampla do que aconteceu no Brasil e de como a polícia respondeu nos diferentes estados, eu acho que a primeira conclusão óbvia é a incapacidade dessa polícia de atuar num estado democrático”. Sem rodeios, Rolim dá início aos trabalhos. Segundo ele, há uma incompatibilidade entre a tradição da polícia brasileira e a ordem democrática, pois as instituições policiais nacionais têm uma estrutura e cultura que as formatou para

uma ordem autoritária. Quando em contato com mobilizações democráticas, não têm preparo para agir corretamente.

Rolim salienta que, no Rio Grande do Sul, a situação foi diferente, graças à orientação “clara e política do governo do Estado”, para que não houvesse confronto com os manifestantes. Isso não impediu casos de abuso, incluindo dezenas de prisões arbitrárias; impediu, todavia, situações como a da noite de quinta-feira, 13 de junho, em São Paulo, quando mais de duzentas pessoas foram feridas.

Rolim acredita que a conduta adequada seria acompanhar desde o início os atos, com policiais fardados ao lado, já que a primeira função da polícia é garantir a segurança dos próprios manifestantes. O grande problema dos movimentos de rua é que a multidão oferece uma barreira intransponível para os que querem saquear. A polícia não tem como chegar até essas pessoas, a não ser que esteja com a marcha. “Eu já vi muitas manifestações na Europa, e em geral os policiais fazem isso, com uma política de total cordialidade com os manifestantes. Eles estão ali para defender o direito de manifestação”. Em Porto Alegre, a conduta adotada foi outra: formaram-se linhas de contenção em lugares estratégicos. A polícia se posicionou para que a massa não chegasse ao Palácio, à Câmara, à RBS. No entanto, para que policiais fossem capazes de acompanhar fardados à marcha, seria necessária uma formação policial diferente. Rolim cita o exemplo da Suécia, onde um dos requisitos para o policial é um histórico de liderança comunitária.



Foto: Michel Cortez

No Brasil, um dos requisitos é a altura.

O tripe da má estrutura da polícia brasileira

Questionamos se essa postura se deveria ao militarismo, tendo em vista que a Comissão de Direitos Humanos da ONU, no ano passado, recomendou ao Brasil que desmilitarizasse todas as suas polícias. "Olha, existe uma relação, mas as coisas não se explicam por isso". Rolim entende que há três eixos fundamentais que tornam o modelo policial brasileiro falho:

"O Brasil tem um modelo de polícia único no mundo. Em todo mundo civilizado, não importa se tu tens uma polícia, duas ou mil, polícia significa ciclo completo de policiamento". Significa que a polícia tem um destacamento de policiais fardados, que fazem o policiamento ostensivo nas ruas, e também tem grupos de investigadores e detetives, que fazem o trabalho de inteligência. No Brasil, isso não acontece. A Lei brasileira prevê que a PM faça o policiamento ostensivo e que a Polícia Civil faça a investigação; nenhuma das duas faz o ciclo completo. "Esse modelo produz uma grande hostilidade e beligerância entre as duas polícias. Porque cada metade precisa da outra para parar de pé, e como ela não tem a outra metade começa a haver uma invasão de competência por parte dos dois lados". Uma polícia que não tem ostensividade não é vista, portanto não existe – motivo pelo qual a Polícia Civil tem carros e coletes que a identificam. Uma polícia que não tem inteligência está de mãos amarradas, o que explica a PM-2, órgão de inteligência da PM. O modelo brasileiro "criou duas metades de polícia". Eis o primeiro problema estrutural.

O segundo ponto é o seguinte: não há somente duas metades de polícias; há duas metades partidas dentro de si. São, no Brasil, duas portas de entrada para a carreira policial. Em boa parte do mundo democrático, o cidadão faz um concurso, é aprovado para a posição inicial e

vai progredindo até a chefia de polícia. Aqui, há a porta de entrada de baixo – para soldado na PM ou investigador na Civil – e a porta de entrada de cima, para oficial da Brigada ou delegado de polícia. Rolim exemplifica com um caso hipotético: um jovem de vinte e três anos, de classe média, formado em Direito, passa num concurso para delegado; esse jovem nunca entrou num presídio; ele assume uma delegacia na qual chefiará quinze policiais, cada um com mais de vinte anos de carreira e um salário cinco vezes menor ao dele. "Há dois mundos: o dos oficiais é um, o dos não-oficiais é outro". Vale ressaltar que, após a entrevista, nos deparamos com uma manifestação das camadas médias da Brigada Militar. Além da pauta de reajuste salarial, havia também o pedido de carreira única para Brigada. Exemplo claro e direto.

Antes de entrar no terceiro ponto de sua explanação, Rolim ressalta que os baixos salários também são um problema. Segundo ele, a polícia atrai, por esse motivo, pessoas que não puderam ser aproveitadas em outros setores. Em suma, mão de obra desqualificada, que não é formada para superar essas limitações. Como exemplo dessa má-formação, cita um estudo feito em 2009 por ele, Luiz-Eduardo Soares e Sílvia Ramos, que entrevistou mais de 64.000 profissionais de segurança pública no Brasil. Desses, mais de 20% relatou ter sido vítima de tortura na formação.

O último ponto salientado diz respeito ao controle externo. "As estruturas policiais no Brasil atuam absolutamente sem controle". Há o controle interno, da Corregedoria, que segundo Rolim, não funciona, pois o corregedor é um policial, que pode amanhã estar subordinado a quem ele hoje está investigando ou processando. Por outro lado, a Constituição prevê que o Ministério Público faça o controle externo – "mas ele não faz, nunca fez". Rolim relata que há na experiência europeia e estadunidense os *civilians boards*, comitês da sociedade civil que exercem o controle da conduta policial. No Brasil, isso não é exercido por nenhum instrumento. A saída,

para Rolim, seria transformar a corregedoria numa função autônoma, sem relação com a polícia.

A falta de controle também relaciona-se à falta de clareza quanto aos procedimentos. No ano em que passou estudando as polícias inglesas (2003-2004), chamou-lhe atenção o livro que orientava todos os procedimentos policiais e era requisito para a entrada na carreira. No Brasil, isso não existe. Pode usar bala de borracha? Ninguém sabe. Gás lacrimogêneo? Quando, onde, em que circunstância? "Nada disso está regulado. As pessoas não sabem, mas bala de borracha foi desenvolvida como uma munição anti-motim, para ser utilizada em últimas circunstâncias de situações muito graves, e não contra pessoas que estão nas ruas". Em suma: a polícia não tem um guia de procedimentos e o cidadão não sabe quais são os procedimentos regularizados – portanto, não é capaz de denunciar um ato arbitrário.

Os mortos da Maré

No meio das mobilizações, houve o episódio da Favela da Maré, quando dez pessoas foram mortas pela polícia. Nosso entrevistado se assombra que o fato não tenha causado uma comoção nacional. "Se tivéssemos dez mortos na Vieira Souto, do Rio de Janeiro, o governador teria sofrido impeachment. Não se aceitaria que jovens de classe média fossem assassinados pela polícia. Mas aceitamos que jovens da periferia, pobres e negros, sejam assassinados cotidianamente". Nesse sentido, ele diz que espera que as mobilizações de junho tenham ajudado a firmar uma consciência sobre essa postura. Mas ressalta que a repressão aos movimentos não pode ser comparada à das periferias. "Uma coisa é tomar bala de borracha, outra é tomar bala de fuzil. Uma coisa é tomar gás lacrimogêneo, outra é a polícia subir o morro de Caveirão e descer com cadáver".



EXPEDIENTE

COMISSÃO EDITORIAL

Caetano Cremonini, Laura Schuch,
Lennon Macedo e Riccardo Facchini

DIAGRAMAÇÃO

Paula Moizes e Rodrigo Lorenzi

FOTOS

Jade Knorre e Michel Cortez

REVISÃO

Caetano Cremonini e Lennon Macedo

EQUIPE DE REPORTAGEM

Caetano Cremonini, Filipe Raupp, Gabriele Branco, Giovani de Oliveira, Jade Knorre, Jéssica Kilpp, Jéssica Ocaña, Júlia Bertê, Júlia Corrêa, Kathlyn Moreira, Laura Pachecho, Laura Schuch, Lennon Macedo, Lissara Bergamaschi, Michel Cortez, Nicolas Sales, Paula Moizes, Rafael Lindemann, Riccardo Facchini e Rodrigo Lorenzi